

A BARONESA
UMA NOVELA FOTO-ÁUDIO-ENSAÍSTICA
EM DUAS VOZES E DEZ CAPÍTULOS
DE

CHARLES ALLINGTON

HOMEM: Algumas palavras finais

HOMEM: Charles Allington escreveu sobre a baronesa Natália Schoemberg de 5 a 30 de setembro deste ano. A cada dia, revisava todo o texto, e escrevia mais duas páginas, fizesse chuva, fizesse sol. Com isso ele fixava bem a história em sua mente, evitava os furos e as incoerências dos personagens.

MULHER: A imagem inicial ele retirou de uma apresentação de ópera a que assistiu no Viena Staatsoper. Ficou impressionado com a luz do holofote âmbar revelando a beleza da primeira soprano, e começou a colecionar os retratos da soprano que saíam na coluna social dos jornais.

HOMEM: Escolheu a narrativa em terceira pessoa do singular para se distanciar mais de si e colocar em paralelo a sua vida e a da baronesa. Todas as cenas referentes a Natália ou à investigação do desaparecimento do marido foram colocadas no presente do indicativo; as cenas de Charles, ou que não tivessem relação direta com a investigação, foram colocadas no pretérito perfeito, imperfeito, no gerúndio, entre outros tempos verbais que não fossem o presente do indicativo.

MULHER: A temática da novela aborda a época áurea da Viena do fim do século XIX e início do século XX, na qual foram contemporâneos nomes como os dos artistas Gustav Klimt e Koloman Moser, dos arquitetos Otto Wagner e Adolf Loos, dos escritores Arthur Schnitzler e Hugo von Hofmannsthal, além de Gustav e Alma Mahler e do pai da Psicanálise, Sigmund Freud.

HOMEM: Somente receberam nomes os personagens que interessava a Charles nomear – a si próprio, a baronesa, Lukas, Klimt e Freud –, mas deixou vazios os nomes de seu pai e sua mãe e dos pais de Natália, da tia solteira, dos quatro irmãos. O motivo: criar uma carcaça, ao estilo do poeta romântico John Keats, para que houvesse uma maior purificação dos afetos citada por Aristóteles, ou, em outras palavras, a catarse.

MULHER: Charles chega à casa de edição, bem no centro histórico de Viena. Está marcada para as quatorze horas a reunião com o seu possível futuro editor. A cadeira de mogno escuro da sala de espera incomoda pela frieza. Ele olha pela janela; começou a chover.

HOMEM: A caderneta desbotada de Charles ainda guarda as anotações sobre cada personagem, o perfil físico e o perfil psicológico. Tentou resumir a história e colocou em um papel grande, bem em cima da escrivaninha onde trabalha todos os dias.

MULHER: O relógio cuco na parede da casa de edição marca 13h30. Chegou mais cedo para não arriscar um atraso, para demonstrar ao possível futuro editor que se importa com a publicação, que é importante contar aquela história.

HOMEM: Mas é possível que o editor não goste daquela história.

MULHER: É possível que o público não a leia.

HOMEM: Ou mesmo que leia, mas que não se lembre dela em vinte anos, ou quando ele próprio morrer.

MULHER: Segura com força os originais embrulhados em papel madeira, como se daqueles papéis dependesse a vida e a morte, sua e dos personagens colocados ali por suas mãos.

HOMEM: O editor chega. Passa por Charles e parece não perceber sua presença. Chama a secretária na sala cercada de vidros, de onde pode ver todos os funcionários da casa de edição.

MULHER: Um livro é feito de papel e arte. Quando é levado para as máquinas de impressão, toda uma história particular, que somente pode ser escrita por uma pessoa na face da Terra, ganha corpo, as palavras feitas de sangue são bombeadas nas veias dos papéis, e assim nasce uma nova criatura, única, com vida própria, destinada para outra criatura, única também, que chamamos de leitor.

HOMEM: O leitor é qualquer um, qualquer uma que se proponha a vestir a máscara do escritor e se submeta a viver aquela história. É preciso se identificar com um dos personagens para que a história seja crível, tenha valia e permaneça no imaginário, como o sangue em suas veias.

MULHER: Nada disso sabe Charles sobre o seu livro. Se irá agradar ao primeiro leitor que é o editor, que continua falando calmamente com a secretária, como se da sua sala para o restante da casa de edição não houvessem vidros, nem se pudesse notar as expressões das pessoas que o esperam.

HOMEM: A máquina datilográfica na qual Charles transcreveu a história da caderneta desbotada é uma máquina antiga. Ela oculta o que está sendo escrito no papel, e Charles deve agir pela intuição, como se trabalhasse às cegas. Dava muito trabalho revisar diariamente todo o texto, e todo o texto ser muitas vezes totalmente re-datilografado – começava cedo na manhã e terminava na hora do almoço. Descansava, e depois do cochilo escrevia as duas páginas diárias prometidas a si próprio. Não havia ninguém mais que lhe cobrasse.

MULHER: E esse era o maior problema de Charles. Escrevia para um leitor absurdamente exigente, que era ele mesmo. Leitor dos livros policiais de Arthur Conan Doyle, pensava que os seus livros, as histórias de Charles, deveriam ser infinitamente melhores do que as do seu mestre maior.

HOMEM: Procurava manter a saúde do corpo tão em ordem quanto a saúde mental. Acordava cedo, tomava um desjejum leve – frutas, cereais, um pedaço pequeno de pão e café preto. Calçava um sapato confortável, casaco de lã e chapéu de feltro e saía para caminhar ao longo do Danúbio, antes de o sol apontar no horizonte. Chegava em casa cheio de ideias, cheio de correções para tornar a história mais congruente, os personagens mais consistentes, e as palavras das duas páginas brotavam feito um filete de rio descendo a montanha de rochas.

MULHER: No fim da tarde, ia sempre aos cafés da cidade captar as personalidades. Anotava o jeito de beber o licor de um, a maneira de comer a torta de maçã de outro. As conversas, conseguia captar alguns diálogos muito bons, que aproveitava e registrava em sua caderneta.

HOMEM: Foram vinte e cinco dias de mergulho na história da baronesa. Vinte e cinco dias com ela ao seu lado, como dois bons amantes. Ela alisava seu rosto nos momentos de desespero, quando não conseguia descrever nem contar para os outros a história que pulsava em si para sair.

MULHER: E ninguém mais poderia contar aquela história, a não ser o detetive Charles Allington. Ninguém mais teria acesso à verdade, como ele a tivera, de maneira direta, profunda, original.

HOMEM: A secretária se levanta da poltrona na frente do editor na sala arrodada de vidros. Ela olha para Charles, vem em sua direção, está prestes a proferir algumas palavras finais.

MULHER: Sobre o autor

MULHER: Charles Allington nasceu em 1879 no subúrbio de Hampstead, Londres, Inglaterra. Filho mais velho de cinco irmãos, foi abandonado pela mãe aos dez anos, quando se mudaram para Viena, Áustria, e seguiu a profissão do pai, investigador policial. Grande admirador de Arthur Conan Doyle, escreveu em vinte e cinco dias *A baronesa*, depois de vê-la se apresentar numa ópera do Staatsoper, em Viena.

Referências

DOYLE, Arthur Conan. A casa vazia. *In As melhores histórias de Sherlock Holmes*. Tradução: Luciane Aquino *et al.* Porto Alegre: L&PM, 2017.

DOYLE, Arthur Conan. O problema final. *In As melhores histórias de Sherlock Holmes*. Tradução: Luciane Aquino *et al.* Porto Alegre: L&PM, 2017.

DOYLE, Arthur Conan. Um escândalo na Boêmia. *In As melhores histórias de Sherlock Holmes*. Tradução: Luciane Aquino *et al.* Porto Alegre: L&PM, 2017.

EURÍPEDES. Electra. *In Electra. Alceste. Hipólito*. Prefácio, tradução e notas: J. B. Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.

FREUD, Sigmund. Personagens psicopáticos no palco. *In Arte, literatura e os artistas*. Tradução: Ernani Chaves. 1ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

KEATS, John. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*. Organização e tradução: Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Hedra, (1818 in) 2010.

Londres. Guia Visual. Folha de S.Paulo. Tradução: Carlos Rosa, Elsie Rotenberg *et al.* 3ª edição brasileira. São Paulo: Publifolha, 2000.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Viena. Guia Visual. Folha de S.Paulo. Tradução: Carlos Rosa, Elsie Rotenberg *et al.* 2ª edição brasileira. São Paulo: Publifolha, 1998.

Links

Classificação e extensão vocal: <https://www.descomplicandoamusica.com/classificacao-e-extensao-vocal/>